

AVENCA ALIVE

À Biblioteca Pública de Braga

4
NOVEMBRO
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

O ACTO ELEITORAL | TODOS NO MESMO SACO...

Decorre o período eleitoral. Desta como das outras vezes a Nação ouve falar muito de liberdade, vê atacar quem governa, mas continua a não presenciar nada de útil e produtivo.

É preciso dizer mal, pedir a substituição como se isso trouxesse benefício. E como se não pode dizer que a troca é de este por aquele, pois não têm nada a oferecer, o último Slogan é pedir que este caia para surgir um Governo que una todos os portugueses.

Foi sempre fácil e lindo bradar assim, simplesmente tal coisa só pode ser acreditada por ingênuos. Quando e onde se viu operar com resultado essa unidade?

O que é preciso e seria meio caminho andado, é fazer cair o que em tanto tempo se mostrou com autoridade e força para evitar a intromissão de homens com ideias ultrapassadas ou extremistas que lhe pegam no facho por conveniência de momento.

Governo de Unidade Nacional, capaz de conduzir a barca no meio da maior tormenta a porto seguro, temo-la nós. Este sim, tem autoridade, experiência, e já deu provas do seu portuguesismo e da sua competência.

Em sua volta, sob a sua voz autorizada, só se não colocam mais portugueses, aqueles que entendem que todos os momentos lhe servem, mesmo aqueles em que os ataques vêm de fora.

Quando o problema de Angola se levantou, quando até

os portugueses mais confiantes hesitaram se o valor dos nossos soldados, a nossa pobre economia e a nossa pequenez no mundo seriam capazes de vencer, eles, os oposicionistas bradavam que era um suicídio, que iríamos lá matar a nossa juventude, que não tínhamos possibilidades nem razão, que não estava em jogo a Na-

ção, mas sim o interesse de alguns.

Mas o Chefe, sereno e confiante arrancou o mando aos menos confiantes e mandou seguir. Era a voz do Portugal de séculos a falar.

Hoje, com a vitória à vista, moralizados e confiantes os

(Continua na 5.ª página)

CASAMENTO JUNTO

AO ARAME FARPADO

Berlinenses do Sector Soviético e da parte ocidental não podem casar. Uma noiva não pode visitar os seus pais

Soluçando, sacudida pelo choro, a jovem sentiu falhar as suas forças. No seu vestido de noiva caiu contra o muro; bateu com os cotovelos nas pedras da calçada; o ramo de flores, com o qual acenara, caiu das suas mãos, o vento agitava levemente o véu. «Mãel Minha mãel «Eram as únicas palavras entrecortadas por soluços. Os seus dedos pareciam penetrar no muro pelo qual resvalara, o muro que os dirigentes da zona soviética da Alemanha construíram em Berlim.

Este dia devia ter sido, como se costuma dizer, «o mais belo dia da vida desta jovem». Já se projectara há muito o casamento. Ainda em doze de Agosto a noiva de dezanove anos viera do sector soviético de Berlim para Berlim Ocidental, onde vivia o seu noivo,

para conversarem sobre os últimos preparativos. Quando queria voltar para casa, já tinha levantado a barragem de arame farpado através da antiga capital da Alemanha; já tinham começado a levantar a muralha vigiada por soldados e polícias armados até aos den-

(Continua na 5.ª página)

Todos no mesmo saco... De nada valeu aos Estados Unidos mostrarem-se severos para com a África do Sul ou para com Portugal, relativamente ao «apartheid» e a Angola, assim como de nada valeu à Inglaterra e à França terem com os cacós dos respectivos impérios coberto de novos Estados o continente negro. Também de nada serviu à Espanha prontificar-se a prestar informações sobre os seus territórios ultramarinos, embora com a reserva de que são províncias e não colónias. De nada serviu à Holanda votar no plenário da Assembleia a censura ao ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros e querer que os indígenas da Nova Guiné ocidental se autodeterminem sob a fiscalização das Nações Unidas. De nada serviu à Bélgica não ter reagido ao ultrage de que foram vítimas, no Congo, tantas das suas mulheres e haver docilmente retirado os seus paraquedistas da base de Kamina, cuja posse lhe fora assegurada por um tratado.

O russo meteu-os e meteu-nos a todos no mesmíssimo saco...

Este russo chama-se, por sinal, V. A. Brykin. É membro da delegação da URSS à décima sexta Assembleia Geral das Nações Unidas e representa o seu país na Quarta Comissão. Não sabe, ao que parece, outro idioma que não seja o seu, mas, a julgar pela tradução do discurso a que nos estamos a referir, não tem papas na língua. Para ele, não há «nuances», cambiantes, matizes... Deixa aos dois Estados negros de influência comunista — a Guiné e o Mali — a missão de prorromperem, escandalizados, em brados de protesto, sempre que algum delegado português ousa erguer a voz. Ao delegado marroquino confia, por sua vez, o encargo de atacar a Espanha e de reclamar Ceuta e Malilla, além de Sidi-Ifni e do Sara espanhol. Pescador do alto, é outro o seu desporto...

Claro está que aludiu à

(Continua na 6.ª página)

A fábrica de Fiação e Tecidos de Poldrões comemorou as bodas de prata da sua fundação

É verdadeiramente notável a importância da Vila das Aves no campo da Indústria Textil. Já pela sua situação geográfica e pelas suas belezas naturais já pela sua importância dentro da Indústria Textil Nacional, a Vila das Aves é hoje, segundo cremos, uma das regiões mais destacadas no País.

A 7 quilómetros de Santo Tirso, trinta e sete do Porto

e mais ou menos a um terço desta distância de Guimarães, é servida por várias e boas estradas que lhe dão acesso por todos os lados, a todas as regiões circunvizinhas.

É pois neste conjunto de magníficos campos de agricultura e grandes unidades fabris que se situa a grande Fábrica de Fiação e Tecidos de Poldrões.

De linhas singelas e harmoniosas, com uma bela fachada a dar para a estrada nacional Porto—Guimarães, se nos depara a Fábrica de Poldrões de M. A. SILVA, FILHO, especializada em panos brancos para lençol.

Unidade completa, com cento e cinquenta teares automáticos

Continua na 4.ª página

SOMOS AMIGOS E COLABORAMOS NUMA POLITICA DE BOA VIZINHANÇA COM OS PORTUGUESES

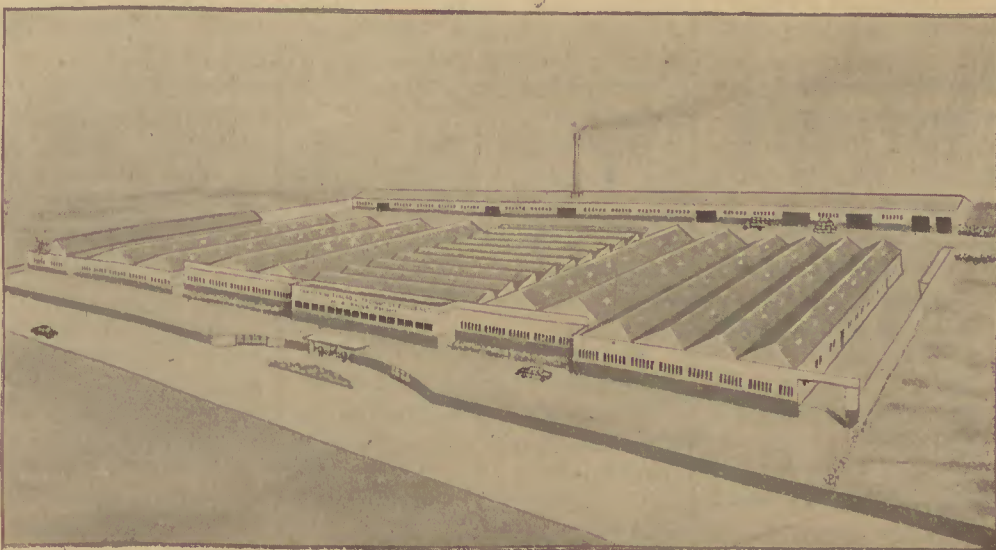
Declara o Ministro dos Estrangeiros da Indonésia, referindo-se a Timor e salientando que a questão entre a Indonésia e a Holanda nada tem de semelhante com a de Portugal com a União Indiana «Goa é Portuguesa» — Disse

«Vivemos muito bem com os portugueses de Timor. Somos amigos e colaboramos numa política de boa vizinhança. Nada temos de que nos queixarmos, pelo contrário: somos bem amigos dos Portugueses de Portugal e de Timor» — afirmou o embaixador da Indonésia no Brasil, Abu Hanefá, numa conferência de Imprensa que se realizou, segun-

da feira, na sede da sua embaixada, e em resposta a uma pergunta que lhe havia sido dirigida a respeito da posição da Indonésia perante o Timor português.

Abu Hanefá principiara por salientar que entre o Governo indonésio e Portugal não existia qualquer atrito por causa

(Continua na 3.ª página)



Aspecto geral da Fábrica de Fiação e Tecidos de Poldrões

TRIBUNA AGRÍCOLA

Fertilização da vinha A exploração da vaca leiteira

Pode dizer-se que, dum modo geral e por circunstâncias várias, a maior parte dos nossos vinhedos nunca chegaram a produzir o que seria legítimo esperar.

De facto, quantos viticultores haverá que, ao estabelecerem uma vinha, tenham tido em conta toda uma série de factores que determinam o seu futuro, tanto no que respeita ao terreno, localização e escolha dos porta-enxertos mais adequados, como da afinidade de castas a reproduzir, etc., etc.

No que respeita à escolha das videiras americanas para porta-enxertos, há que ter em conta qual é a que mais convirá plantar em cada local. Visto que enquanto as da casta Berlandieri, e principalmente os seus híbridos, se desenvolvem regularmente e dão origem a boas produções nos terrenos calcários, quase todas as outras castas americanas só toleram o calcário em doses limitadas.

Por outro lado as Riparias exigem terrenos férteis enquanto que a Rupestris do Lot é a videira indicada para os terrenos secos, pobres, pouco produzindo nos terrenos ricos, e só a Solonis resiste nos terrenos salgadiços.

Porém, como hoje em dia o viticultor só pode ter defesa se elevar a produção e a qualidade do vinho, não pode entregar a resolução do seu problema ao acaso, porquanto só vem a reconhecer o erro quando já não há possibilidades de o remediar.

Por isso, antes de se instalar a vinha, atenda-se a todos os factores que podem exercer influência na qualidade e na produção, tanto mais que há hoje a facilidade de, através do Grémio da Lavoura, recorrer aos organismos agrícolas oficinas, que dispõem duma já longa série de ensaios sobre o comportamento dos diversos porta-enxertos em cada região e da sua afinidade para as castas regionais, o que lhes permite prestar todos os esclarecimentos e ajudar a encontrar a melhor solução para cada caso.

Por desconhecimento de tudo isto e porque se tem instalado vinhas em terrenos menos próprios e utilizado para porta-enxertos castas de videiras americanas que não reúnem as necessárias condições de adaptação ao terreno nem de afinidade às castas regionais que mais interessa cultivar, é que a produção da maior parte dos vinhedos é deveras reduzida.

A par de tudo isto também se tem desprezado a sua conveniente fertilização, quando é certo que a vinha, ocupando o mesmo terreno durante

uma larga série de anos e explorando o mesmo cubo de terra durante esse todo período de tempo, necessita de encontrar à disposição das suas raízes os elementos nutritivos indispensáveis para se desenvolver e produzir capazmente.

De facto, a maior parte dos nossos vinhedos jamais recebeu qualquer fertilização. Quando muito enterrou-se com a surribo do terreno algum mato ou rama de pinheiro sem que, ao menos, tivesse havido o cuidado de polvilhar esses materiais com cal em pó, para evitar o aparecimento de fungos e podridões que, em vários casos, tem dado origem à morte prematura de muitas cepas.

Como norma a fertilização da vinha deve ser feita de acordo com o clima, natureza e riqueza do terreno, castas cultivadas, etc., tendo em atenção que a produção de cada pipa de vinho retira da terra, só pelos cachos, à volta de 5 a 6 kg de azoto, 1 a 2 kg de fósforo e 6 a 8 kg de potassa elementos estes que, se não forem restituídos, o terreno acaba por se esgotar, tanto mais rapidamente quanto mais pobre é e daí o progressivo enfraquecimento das videiras e diminuição da sua produtividade.

Na época actual em que o viticultor tem de conseguir o menor preço de custo possível e obter produtos de qualidade, necessita forçosamente de recorrer ao emprego dos fertilizantes que lhe assegurem o máximo de produção.

Mas não basta empregar qualquer fertilizante, é indispensável que aplique os que forneçam os elementos que a planta necessita encontrar à disposição das suas raízes e quantidade que satisfaça as suas exigências, sobretudo em azoto, fósforo e potassa, dado que cada um destes elementos exerce uma acção definida sobre as plantas.

Assim:

O azoto é indispensável para promover o desenvolvimento de cada uma das partes da videira, visto ser considerado o elemento fundamental do crescimento.

O fósforo favorece o sistema radicular, estimula a floração e a frutificação. É o elemento de vitalidade.

A carência de fósforo retarda o desenvolvimento das raízes.

Reduz a formação das flores e estas não vingam.

A potassa é o elemento que as plantas absorvem em maior quantidade e com mais avidez. Estimula e regulariza a vegetação, aumenta e favorece o desenvolvimento dos cachos, activa o amadurecimen-

to e a formação dos açúcares, o que contribui para elevar o grau alcoólico dos vinhos. Aumenta a resistência das videiras às pragas, ao frio e às geadas. A potassa é considerada o elemento de qualidade.

A falta ou carência de potassa reduz a superfície foliar, os cachos ficam mais pequenos e amadurecem mal.

Isto demonstra que as videiras, como todas as plantas, exigem que a adubação seja completa, isto é, que ponha à disposição das suas raízes todos os elementos fertilizantes, pois a falta ou carência de um é bastante para que a acção dos outros deixe de ser eficiente, causando desequilíbrios e a quebra de produção.

Como regra, ao fazer-se a surribo deve-se enterrar 50 toneladas de estrume, por hectare e na vinha, aplicar uma adubação fosfo-potássica, à razão de 600 a 1000kg de Superfosfato e 600 a 1000 kg de Cloreto de Potássio, por hectare, de modo que os adubos sejam enterrados fundo, na camada a explorar pelas futuras raízes.

Depois das videiras pegadas aplica-se então o adubo azotado, na dose de 50 gramas dum adubo nitroamomiacal por cada bacele. Deste modo, normalmente, todos os baceles estão aptos a ser enxertados no princípio da primavera seguinte.

A adubação da vinha nos primeiros anos pode limitar-se a 140 gramas por cada cepa, da mistura dos seguintes adubos:

200 kg dum adubo azotado a 20%
300 kg de Superfosfato 18%
200 kg de Cloreto de Potássio

Porém, depois de alguns anos de plena produção há necessidade de elevar a adubação para 200 gramas, por cepa, da seguinte mistura:

350 kg dum adubo azotado a 20%
500 kg de Superfosfato 18%
250 kg de Cloreto de Potássio

Nas videiras de uvas de mesa e nas que produzem vinhos finos, o Cloreto de Potássio deve ser substituído pelo Sulfato Potássio.

Nas videiras altas ou em ramadas é necessário aplicar 300 a 400 gramas da mesma mistura, por cada pé, à qual de 3 em 3 anos, se devem juntar também cerca de 40 gramas de Sulfato de Magnésia.

Os adubos devem ser aplicados durante o inverno, seja por todo o terreno, seja nas caldeiras abertas com a descava.

Há toda a conveniência em estrumar a vinha, de anos a anos, a fim de lhe fornecer a matéria orgânica indispensável para manter a vida micro-

Nem sempre os animais produtores de leite são rodeados dos cuidados que a sua função justifica. Alimentados ao acaso, cobertas muitas vezes ainda demasiado jovens ou antes do indispensável período de repouso, após o parto, e secas tardiamente, muitas outras vezes, principalmente se se revelam boas leiteiras, as vacas são, assim, por desconhecimento de certos preceitos racionais, exploradas de modo antieconómico e de forma a arruinarem-se precocemente.

A variação da produção é sempre influenciada pelas normas alimentares. Uma ração equilibrada, em que alimentos proteicos e não proteicos entrem em proporções convenientes e os sais minerais e vitaminas não faltem, torna-se necessária para uma produção bem orientada. Os arraçamentos, isto é, as quantidades e qualidades de alimentos a fornecer às vacas leiteiras devem sempre ser calculados principalmente em função do peso dos animais, da sua idade, do estado de gravidez e do seu índice de produção. O contrário, constituindo umas vezes desperdício e outras carência, torna-se numa prática defeituosa, com todos os inconvenientes, pela importância económica de que se reveste.

Quanto ao início da sua vida sexual, as novilhas não devem ser cobertas, ainda que se utilize a inseminação artificial, demasiado cedo — antes dos 18 meses —. Nos animais em que esta prática não é seguida abundam os abortos, os partos difíceis e as crias mortas ou enfraquecidas. Ainda a mãe sofre quase sempre um atraso no seu crescimento — consequência da gestação antes de tempo — que não poucas vezes a atrofia para sempre. E se, por qualquer percalço, o animal foi fecundado demasiado cedo, ter-se-á o cuidado de demorar mais o período de repouso, após o primeiro parto, de modo a procurar diminuir os inconvenientes da gestação que se poderá chamar precoce. Mesmo a segunda gravidez é em geral desfavoravelmente influenciada, não sen-

biada do solo e melhorar o seu poder absorvente, devendo haver o cuidado de enterrar o estrume fundo.

Não é de aconselhar a prática das siderações, sobretudo nas regiões de fraca pluviosidade e sujeitas a geadas, visto que isso pode acarretar sérios prejuízos.

A par das adubações há que não descurar os respectivos amanhos e tratamentos contra as pragas.

do raro ficar o animal impossibilitado de conceber por tempo mais ou menos longo, em virtude da lactação prematura a que foi sujeito.

Muito embora o cio possa aparecer logo um mês após o parto, é indispensável um período de repouso sexual — cerca de três meses — antes que as vacas sejam de novo fecundadas. Esta prática tem a sua justificação no facto do útero não estar, antes desse espaço de tempo, com a necessária recuperação para que se dê a normal fixação do ovo fecundado. Daí os muitos insucessos verificados e que não têm às vezes as causas de esterilidade que se lhe atribuem. Se tal não acontece, e a vaca fica de facto grávida logo a seguir, a sua produção ressentir-se, baixando, e o animal enfraquece, por não lhe ter sido dado tempo para se recompor.

Deve ainda ser regra suspender a lactação — dois meses antes do novo parto — o que permitirá tornar mais fácil este pelo robustecimento da vaca e não prejudicar o desenvolvimento da cria nos seus dois últimos meses de gestação. Contrariamente, se se secar a vaca mais tarde, os benefícios aparentes conseguidos com essa mungição, não compensam os prejuízos que se verificarão na menor produção futura, nas frequentes hipocalcémias (vacas caídas ou febre do leite) e ainda nas maiores dificuldades de nova fecundação próxima, uma vez que a gravidez, o parto e a produção de leite, abrangidos pelo mesmo mecanismo estão assim intimamente ligados. Todavia existem animais que por serem muito boas leiteiras tornam difícil realizar esta prática que mesmo assim, tem vantagem em ser seguida, o que se consegue com persistente cuidado.

Estas poucas regras, fáceis de executar e de acessível compreensão, têm todavia importância de valia na racional exploração das vacas leiteiras, razão por que são de aconselhar. A vaca vale pelo que produz e só um animal tratado racionalmente pode efectivamente ter uma produção verdadeiramente compensadora, durante toda a sua vida de produção, ou seja durante o tempo em que economicamente deve ser explorada.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Meus caros amigos presentes e ausentes *****

Os meus votos de saúde paz, quente e fria. Não estranheis que vos fale assim. Agora também há guerra quente e fria...

Falecimento

Pelas 15 horas de 23-10-61 faleceu Margarida Ribeiro, na casa de seu filho António Joaquim Soares, do lugar do Paço, onde residia. Era natural de Cossourado, Barcelos, e estava viúva de Tomás António Soares. Foi sepultada, no cemitério de Lago.

Anjo da Guarda

Foi transportado, em procissão, no dia 22, desde o Bico até à igreja parochial de Lago.

É uma imagem linda. Tem 1,60 de altura, com outra figura humana junto dela, de 0,80 de altura, feitas em madeira de cedro brasileiro. A pintura foi executada na casa do Senhor Victor Mendes, de Braga. Com as despesas da licença do fogo e do bebereite dos músicos a conta é agora de 6.107\$00. Até este momento receberam-se 4.974\$80. Como vedes há ainda lugar para os que não

puderam ou não tiveram ocasião de dar o seu contributo.

Apesar da chuva, e de ser um pouco cedo, tomou parte na procissão muita gente. Curioso notar que a chuva embora com ameaças carrancudas durante todo o percurso da procissão, conteve-se respeitosa e só voltou a cair depois de a imagem estar dentro da igreja.

Muitas pessoas sobretudo mulheres com os maridos no Ultramar ou no estrangeiro fizeram a viagem, de pés descalços, crianças aos ombros e lágrimas nos olhos... certamente pensando nos seus ausentes.

Contaram-me duas pessoas que em certa localidade um personagem influente proibiu os súbditos de irem a Lago assistir à procissão. Bem vedes que não tenho nada que ver com as ameaças que o personagem fez, nem tão pouco direi o que for do magusto...

Posso contudo garantir-vos que nem antes nem depois nem mesmo durante a procissão houve em Lago borgas ou danças...

E por hoje nada mais. Vosso: J. Moreira

Notícias dos nossos Soldados em Angola

Do primeiro cabo Del-fim Maia Ferreira e soldado Manuel José Fernandes Rodrigues de Dornelas, recebemos notícias informando que se encontram bem, que já receberam o nosso jornal, que os encheu de alegria por terem notícias da terra e pedem que os recomendamos às pessoas amigas.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã—A menina Estela Arantes Menezes.

Dia 8—O Snr. António Azevedo Sá Coutinho Russell.

Dia 10—A Senhora Aurora Barbosa de Macedo.

Completa na próxima Quinta-feira, dia 9, as suas 14 primaveras a gentil menina Lidia Ferreira Ferradais, extremosa filha do nosso conterrâneo Senhor João Ferreira Ferradais, ausente em França e da senhora D. Lidia Ferreira Ferradais, proprietários nesta vila.

Por tão faustosa data uma pessoa amiga deseja-lhe muitas felicidades e faz votos que esta se repita por muitos anos.

Tribuna Livre, associa-se a este aniversário e felicita a feliz aniversariante fazendo igualmente votos que esta se prolongue por muitos anos, na companhia de seus pais.

Passa no dia 11 do corrente, mais um aniversário natalício, a menina Maria Isaltina Araújo de Andrade, extremosa filha do nosso particular amigo Snr. Cândido de Andrade e de Cidália de Araújo Andrade, da freguesia de Portela deste concelho.

Por tão faustosa data Tribuna Livre envia-lhe felicitações e faz votos que esta se prolongue por muitos anos na companhia de seus pais.

Auxiliai os Bombeiros

V. de Amares

CORRECÇÃO DA MATRIZ RÚSTICA

em Ponte de Lima

Foram nomeadas 8 comissões para procederem á correcção da matriz rústica no Concelho de Ponte de Lima. Os trabalhos foram iniciados em 9 de Outubro e o tempo tem permitido que esses serviços decorram com regularidade e precisão porque os campos estão já livres do milho que não permitiria atingir o fim desejado dada a irregularidade dos campos a avaliar. A todas as comissões preside um perito distrital com longa prática dos serviços e com provas dadas já da sua capacidade em outros concelhos. As comissões foram instruídas e tem permanente fiscalização por Engenheiros competíssimos para orientar as comissões e resolverem as dificuldades.

A Secção de Finanças actualmente chefiada pelo sr. Henrique Bessadas Gonçalves, para onde foi promovido de Amares, uma pessoa digna de todos os louvores

pela sua sábia orientação, precaução e honestidade. Tudo isto anima os peritos porque tem a certeza que as avaliações trarão grande benefício ao contribuinte, dignificarão os orientadores e continuam a colocar no seu devido lugar a responsabilidade dos homens que no campo procuram cumprir essa espinhosa missão.

O Estado por sua vez usa da mesma benevolência verificada em outros concelhos quanto ao preço dos géneros que servem de base ao rendimento coletável. Se alguns contribuintes mal informados passaram a sofrer de insónias poderão dormir tranquilos porque é para a saúde um grande remédio e as avaliações uma grande economia financeira dado o estado desordenado em que se encontravam, que aos distintos funcionários da Secção causavam os maiores embaraços.

Elísio Gonçalves

Somos amigos e colaboramos com os Portugueses

(Continuação da 1.ª página)

de Timor. Depois, referiu-se às boas relações que o Presidente Sucarno mantém com o Presidente do Conselho português, dr. Oliveira Salazar.

Quando, há três anos, o Presidente indonésio visitou Portugal — acrescentou — foi muito bem recebido em Lisboa.

«As relações de Portugal com a Indonésia sempre foram as melhores» — repetiu o embaixador.

Abu Hanefá convocou a Imprensa brasileira e estrangeira para expor os direitos do seu país sobre a metade oriental da ilha da Nova Guiné, actualmente ocupada pela Holanda, ao passo que a parte ocidental ficou com a Indonésia.

Os holandeses — declarou o embaixador — ficaram de devolver-lha um ano depois da independência indonésia, mas não cumpriram o prometido. Tra-

ta-se de um litígio entre os dois países que a Holanda quer, agora, propor à arbitragem das Nações Unidas — prosseguiu. Abu Hanefá acrescentou que o seu país persiste na sua posição — a de que o assunto deve ser discutido somente entre os dois Governos e mais ninguém.

Tendo um jornalista perguntado se o caso era análogo ao litígio de Goa, entre Portugal e a União Indiana, o embaixador respondeu negativamente. «A União Indiana ficou independente da Inglaterra e Goa é de Portugal — acrescentou. — Portanto, nada tem a ver um caso com o outro. A Nova Guiné era um território das Índias Holandesas e, quando estas adquiriram a independência, todas as três mil ilhas que as constituíam passaram para a Indonésia.»

E Abu Hanefá observou ainda: «A Holanda concedeu a liberdade a todas as ilhas menos à metade oriental da Nova Guiné. Portanto, o caso não é idêntico ao de Goa, como Nehru o quer fazer parecer.»

Leilão de Penhores

A Caixa Penhorista — «Feiranovense», de José Gil de Macedo, avisa que nos dias 14 e seguintes do mês de Dezembro próximo futuro, às 14 horas, começa o leilão de penhores que se encontrarem com mais de três meses de juros em dívida, na sede do seu estabelecimento no Largo da Feira-Nova n.º 202, freguesia de Ferreiros concelho de Amares.

O Prestamista, José Gil de Macedo

Deliberações Camararias

Na sessão da nossa Câmara do dia 2 do corrente, sob a presidência do Senhor Doutor Eduardo Gonçalves e com a presença de toda a vereação, foram tomadas várias deliberações, entre as quais se destacam as seguintes:

Foi posta a concurso a primeira fase da «Estrada de Paranhos» obra orçada em cerca de duzentos contos;

Arruamentos na Feira Nova

Foi deliberado encarregar o Vereador Sr. Paulo Barbosa de Macedo, da sua administração, em virtude do Estado ter autorizado a administração directa da Câmara.

Monumentos e instâncias de interesse turístico

Resolvido incumbir o Vereador R.º P.º Albino Fernandes Alves, Arcipreste de Amares, de responder ao questionário que a Fundação Calouste Gulbenkian enviou, para ser dado conhecer a ao País, o interesse turístico das regiões.

Calcetamentos em Calres

Foi deliberado conceder á Junta da freguesia o subsídio de 2.800\$00 para os calcetamentos já efectuado naquela freguesia.

Escola de Goães

Em virtude da oferta do terreno necessário á sua construção deliberou a Câmara, pedir á Repartição das construções escolares a realização da obra.

Estrada-Serração-Transfontão - Senhocrá do Fastio-Dornelas:

Deliberou a Câmara em virtude do grande interesse que esta estrada tem para o povo daquela zona tomar o encargo da sua realização incluindo-a desde já em plano.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

A Fábrica de Fiação e Tecidos de Poldrões

COMEMOROU AS BODAS DE PRATA DA SUA FUNDAÇÃO

(Continuação da 1.ª página)

uma fiação que os alimenta, fundada há um quarto de século pelo Pai do actual proprietário, Sr. Manuel Dílio da Silva, é hoje um dos motivos de orgulho da Indústria Textil Portuguesa.

Dos seus armazéns saem diariamente, grandes quantidades de tecidos para os mais diversos pontos do País e Estrangeiro.

Essencialmente são quatro os tipos de pano de fabrico corrente ZÉ-ÁS-VENUS e CHIC.

O pano «ZÉ», um dos mais bem cotados no País, deve o seu nome ao «ZÉ» tipicamente minhoto, da jaqueta curta, calças em funil, do varapau, tão característico das nossas feiras minhotas.

O «ÁS», a palavra o indica, é o vencedor, que tantas vitórias tem alcançado para a Fábrica que o produz.

O «VENUS» que deve o nome á deusa do Amor é um pano de boa qualidade, muito conhecido em todas as praças.

Há ainda o «CHIC», pano de grande categoria, a competir no mercado, com o que melhor se fabrica.

A todos, porém, sobrepuja o célebre «ZÉ» a que nos referimos, orgulho da Fábrica de Poldrões que não se cansa de o aperfeiçoar, para que os milhares, talvez milhões de consumidores do País continuem a ser bem servidos e a pedir o «ZÉ DE POLDRÕES», pois o lema de M. A. SILVA, FILHO é há vinte e cinco anos: «SERVIR E HONRAR A INDÚSTRIA TEXTIL NACIONAL».

Para comemorar a data festiva das Bodas de Prata da sua fundação realizou-se no dia 29 de Outubro uma festa que teve a presença de muitas altas individualidades civis e religiosas, entre as quais, podemos salientar:

Sr. Eng. Costa Pereira, representando o sr. Secretário da Indústria.

Dr. António Cruz, representando o sr. Governador Civil do Porto, Brigadeiro Gonçalves da Silva; Dr. Dílio Cardoso Santarém, Presidente da Câmara Municipal de Santo Tirso; dr. Valentim Almeida e Sousa, Delegado do I.N.T., do Porto, Vice-Presidente Comissão Regulador do C.A. Rama, D. Gabriel de Sousa, Abade de Siogeverga; Juiz da Comarca, Moasenhos José Ferreira, abade da Vila; dr. Brocha e dr. Reis, sub-delegado do I.N.T., do Porto, Coronel Santos Junior, comandante da Polícia Segurança Pública do Porto; major Oliva Teles; etc., etc.

Estiveram presentes representantes de diversos jornais da Província, como: Riba d'Ave, Famalicão, Trofa, Felgueiras,

Lousada, Póvoa de Lanhoso, Arcos de Valdevez, e Terras de Poltugal.

Em primeiro lugar falou o Guarda-Livros da firma, sr. Álvaro Ferreira de Sousa, que disse:

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Cabe-me a missão, tão honrosa, quão ericada de espinhos, de agradecer, em nome de todos os empregados e operários desta fábrica, a presença tão reconfortante de quantos vieram até nós, neste dia festivo, participar da nossa alegria, tornando-a, por isso mesmo, maior. Faço-o consciente do meu pouco valor, mas, ao mesmo tempo, com a ousadia de quem sente uma alegria e gratidão incontidas.

Sim, alegria: Nas horas de luto mal ficaria exteriorizar exuberantemente a alegria. Mas é legítimo senti-la e vibrar com ela. Por vezes, até, seria impossível abafá-la no coração. É o nosso caso de hoje. Portugal atravessa uma hora de verdadeiro luto, em que as bandeiras não devem subir acima de meia adriça, nem os cânticos passar além da toada menor das horas graves. Dir se-ia que hoje em Portugal não deve haver alegria. Mas não. É-nos lícito sentila, vibrar com ela, exteriorizá-la, até dentro de moldes compatíveis com as circunstâncias. Isto porque, além de um raio de esperança cortar já, na linha do horizonte as trevas densas de amargura, a nossa alegria pode contribuir para o apressamento da tão almejada vitória nacional.

Sim, porque no trabalho esta o futuro da Pátria e na alegria esta o futuro do trabalho. Sem alegria, o trabalho tornar-se-á grilheta que escraviza, peso que oprime. Só quando estiver resolvido o problema da alegria do trabalhador, estará resolvida a grave questão social. E só haverá essa alegria, quando se tiverem satisfeito plenamente as exigências da justiça e caridade.

Por isso me parece legítimo a alegria deste dia, nesta fábrica, na medida em que ela é, ou pretende ser, não apenas o factor de um dia, mas o testemunho de um esforço permanente para dar ao operário o pão de cada dia e a alegria de todas as horas.

Em virtude de se encontrar ausente no estrangeiro não pode estar presente sua Ex.^a o Sr. Secretário da Indústria.

Tinha muito gosto em compartilhar pessoalmente da nossa alegria mas foi-lhe totalmente impossível.

Está, no entanto, Vossa

Ex.^a snr. Eng.^o Costa Pereira a representá-lo e por isso mesmo, é como se estivesse presente.

Não encontro palavras para traduzir tão cativante gesto de amizade e a nossa admiração por tão eloquente prova de interesse que lhe merecem os assuntos industriais. A vossa presença vem dizer-nos eloquentemente que podemos contar com o Governo para a ascensão, tão dolorosa por vezes, á prosperidade por que tão ardorosamente aspiramos.

Por isso a par da alegria, enche-nos o coração o mais profundo reconhecimento por tudo quanto em prol da classe operária tem feito o Governo e rogamos a V. Ex.^a que lhe apresente a nossa resposta, a resposta da nossa dedicação incondicional: pode contar também connosco, para a vida e para a morte, em prol de um Portugal maior e mais feliz!

A todos os aqui presentes o nosso benvindo sejam! e muito obrigado.

Depois usou da palavra o Eng. Costa Pereira, em nome do Secretário da Indústria, dizendo.

Minhas Senhoras, meus Senhores

Foi há 25 anos. Não vamos fazer a história completa deste espaço de tempo, mas simplesmente apontar alguns aspectos mais salientes. Aliás, quase sempre as grandes obras têm uma história que começa pequenina. A obra material está a vista. Do resto, já o juizo dos homens fez há muito a justa apreciação.

O que hoje é a grande fábrica de Poldrões deve-se ao trabalho primeiro e primeira gerência de um homem bom: o snr. Manuel Afonso da Silva a quem presto homenagem na pessoa do seu filho. Ex.^{mo} Sr. Manuel Dílio da Silva, actual proprietário desta fábrica.

Nasceu em Lamoso do concelho de Paços de Ferreira e passou muitos dos seus primeiros anos no Brasil. Regressando a Pátria, pensou em construir uma fábrica. Poldrões, nesta risonha Vila das Aves, foi o lugar escolhido por ser o mais acessível a todos os transportes. E assim nasceu a fiação actualmente existente.

Quis, porém, a Providência que cedo deixasse esta vida, tendo o seu filho apenas 18 anos.

Começa aqui o segundo capítulo da história. Abre com páginas de saudade e de consagração aos méritos do então jovem, mas bem competente senhor do negócio, o seu destino estava traçado; era o trabalho, subordinado a regras e processos de honestidade.

Do seu extremoso pai herdou Manuel Dílio da Silva o amor ao trabalho, a fidelidade ao dever. A morte do pai foi ao mesmo tempo uma perda e um estímulo imperioso. Entregou-se com ardor á indústria que herdou do pai, revelando, dia a dia, qualidades e aptidões excelentes-inteligência, tenacidade, espírito de iniciativa, competência técnica, dignidade profissional. Soube lutar e vencer galhardamente, soube fazer-se um industrial de mérito por todos conhecido e por todos a reciado. É sempre assim. Quem, pela vida fora, deseja sinceramente aprender, aprende sempre. Até na desgraça encontra a luz de uma escola. Dinâmico e empreendedor, pensou mais tarde em juntar ao património herdado uma outra modalidade de indústria: uma serração. Durante algum tempo explorou estas duas qualidades de industria têxtil e madeiras. Estavam porém em oposição: fio não liga com madeira. Pensou então, fazer a ligação de fio para tecido. Pôs aos poucos de lado a serração e pensou numa tecelagem. Só depois de muitas tentativas conseguiu um alvará de 7 tearas, então mecânicos. E daí nasceu a tecelagem que todos podemos admirar.

De salientar que todo o maquinismo actualmente existente é automático.

Faltava-lhe ainda uma secção, aliás primordial, para quem quer ter bom mercado em pano de lençol: era o acabamento. Mais esta necessidade se remediou e hoje possuiu esta fábrica um acabamento por todos elogiado.

Todos estes empreendimentos dizem bem de co-

mo tem sido sapientíssima e profícua a orientação do Ex.^{mo} Sr. Manuel Dílio da Silva á frente de uma empresa de que se pode justamente orgulhar e em cuja gerência tem revelado toda a gama da sua competência.

Mas no pequeno mundo dum fábrica há capital o trabalho, há uma inteligência que dirige e há raços que executam há uma palavra que se impõe e há vontades que obedecem; no pequeno mundo de uma fábrica há operários sujeitos a uma gerência que os orienta e governa. É outra face da questão social. Os patrões que são somente avaros e gananciosos conhecem o valor das moedas, mas não o valor dos homens. É o que se pode chamar cegueira da usura, que, no agravamento da chamada questão social, tem hoje á sua conta responsabilidades tremendas.

Como judiciosamente disse alguém a «solução dos problemas sociais não está no livro-caixa, está sobretudo no amor e na generosidade».

Neste aspecto, não podemos esquecer o amor e carinho que o sr. Manuel Dílio da Silva tem manifestado para com o seu pessoal que, nas suas oficinas, trabalha Sempre procurou melhorar o seu nível de vida, sacrificando, muitas vezes, os interesses particulares. Tem procurado que os seus operários tenham a comodidade e limpeza necessárias para o trabalho. Organizou uma associação de socorros mútuos que muito ajuda os operários em caso de doença, pagando-lhes a parte que a Caixa Sindical não paga e bem assim a parte dos medicamentos que toca ao beneficiário. Todos os anos paga metade de um passeio á escolha do próprio pessoal. Como V. Ex.^{as} tiveram ensejo de ver ainda há pouco foram inauguradas óptimas salas para posto mé ico, cantina, refeitório, biblioteca, jogos, etc.

A acção de benemérito do sr. Manuel Dílio da Silva, porém, não se tem fei-

Continua na 5.ª página

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

A Fábrica de fiação e tecidos de Poldrães comemorou as bodas de prata da sua fundação

Continuação da 1.ª página

to sentir somente cá dentro mas também lá fora. Sabem-no, muitíssimo bem, os pobres desta vila, que através da Assistência, têm beneficiado das sua generosidade; sabem-nos as casas de Misericórdia, muito particularmente a do concelho.

Ainda recentemente contribuiu com avultada quantia para o progresso desta terra, a quando da inauguração da iluminação pública nesta vila.

Bem sabemos que V. Ex.ª não gosta de louvores publicos, pois, se julga um simples continuador da obra que seu pai marcou com o sinal da prosperidade. Acho, porém, muito próprias e merecidas aqui estas poucas palavras, muitas outras poderia mencionar, na comemoração dos 25 anos de existência desta fábrica para cuja festa se congregaram os amigos e convidados.

E para terminar, apenas isto:

Parabéns Ex.mo Senhor Manuel Dílio da Silva, pela magnífica obra que vem realizando e que as bodas de prata, que hoje celebramos, se repitam em ouro e diamante, para felicidade de quem aqui trabalha e grandeza da nossa bem querida Pátria.

Finalmente tomou a palavra o proprietário Manuel Dílio Silva que agradeceu a presença dos inúmeros convidados.

OFERTAS

Num gesto verdadeiramente nobre e altruista o proprietário desta fábrica não esqueceu os nossos irmãos que, heroicamente, se batem em terras de Ultramar defendendo o solo Pátrio.

Assim o sr. Manuel Dílio da Silva vai entregar ao Ex.º Sr. Dr. António Cruz, como representante de S. Ex.ª o Sr. Governador Civil do Porto, um

cheque da importância de Esc. 10.000\$00, importância que se destina ao Natal do Soldado.

Não quiseram, por sua vez, os operários ficar indiferentes perante a Campanha do Natal do Soldado e assim uma representação da classe operária desta fábrica vai entregar a V. Ex.ª dr. António Cruz a importância de Esc. 6.600\$00, produto de um dia do seu salário.

Não podiam, porém, ser esquecidos os pobres, os desprotegidos da sorte.

Lamentamos a ausência do sr. Coronel Santo Junior, distinto comandante da Polícia de Segurança Pública do Porto, mas Sua Ex.ª teve de se retirar para Matosinhos por motivo da Vinda ao Norte de S. Ex.ª o Sr. Presidente da República. Mesmo ausente não o podemos esquecer, agradecendo-lhe muito particularmente o sacrifício que fez em deslocar-se até nós só para nos felicitar e desejar as maiores prosperidades. Não lhe podemos, portanto, fazer entrega de um donativo destinado à casa de pobres que patrocina. Pedimos, porém, ao Ex.º Sr. Major Oliva Teles, na qualidade de pessoa amiga do Sr. Coronel para, em seu nome, receber a oferta que esta casa faz à casa dos pobres que patrocina.

Pedimos ao Ex.º Sr. Padre Alberto o favor de se aproximar para receber a oferta que o proprietário gostosamente faz à casa do Gaiato que superiormente orienta.

Há, por sua vez, nesta Vila uma Comissão de Assistência que sustenta os pobres. Também ela foi lembrada e assim pedimos ao Rev.º Monsenhor José Ferreira dig.º abade desta Vila, o favor de se aproximar para, como Presidente da referida Comissão, receber o donativo que esta fábrica lhe concede.

Chegou, finalmente, a altura de serem congratulados os operários que cá trabalham há mais de 20 anos. A esses, alguns do tempo da fundação, pedimos o favor de se aproximarem, para receberem o prémio que lhes é atribuído, pelo carinho e dedicação que há mais de 20 anos dedicam a esta fábrica.

Finalmente pedimos aos operários actualmente reformados, o favor de se aproximarem, pois, também, eles foram lembrados uma vez que se hoje

não trabalham não é por culpa própria.

Descerramento alto relevo

Duas palavras apenas. O acto a que vamos assistir é um acto simples, um acto singelo. Não fora o alto valor de que se reveste não teria sentido numa festa tão alegre como a de hoje. Vai ser descerrado, e por seus netos, um alto relevo de um homem que muitos de nós não chegamos a conhecer e que foi o fundador e obreiro desta fábrica. Chamava-se ele Manuel Afonso Silva. Descrever a sua biografia, embora a traços largos, não é minha intenção pois disse ser breve.

Direi apenas que com este acto, com o descerramento deste alto relevo prestamos justiça a um homem, não natural desta terra mas que dela se enamorou e a escolheu para sede da sua indústria. Um homem que se votou ao trabalho de alma e coração, um homem que trabalhou não só para o engrandecimento do seu património mas também para o progresso desta terra. E a atestá-lo está a resolução que a Ex.ª Câmara de Santo Tirso tomou na sua reunião de 19 do corrente mês dando o seu nome a uma rua desta Vila. É pois um acto de justiça, um dever de gratidão. Para o homenageado, aqui representado por seu filho, Manuel Dílio Silva, peço, pois, uma salva de palmas.

Foi servido um lauto almoço a todos os operários e um copo de água aos convidados.

A festa terminou com uma importante sessão de fogo de artifício.

Programa: seguiu-se á risca o programa indicado no convite, havendo a acrescentar a benção de uma bandeira própria da fábrica que ao som de clarins foi içada pelo proprietário Manuel Dílio Silva.

COMEM GARNE HUMANA

Segundo relata a Imprensa indiana, foram presos no distrito de Muzafarpur sete pessoas que negociavam com carne humana.

A Polícia, informada do macabro negócio, fez uma rusga à casa onde os indivíduos se entregavam a essa prática e descobriu numerosos cadáveres cortados em pedaços e montões de ossos.

Segundo afirmam os jornais, os traficantes de carne humana apanhavam do rio os cadáveres que ali eram lançados, por se tratar de pobres cujos parentes não tinham dinheiro para a cremação, e depois de os retalharem vendiam as peças de carne para várias das principais cidades da União Indiana.

CASAMENTO JUNTO AO ARAME FARPADO

(Continuação da 1.ª página)

tes. Os noivos esperaram. Viviam na esperança de que qualquer dia se pusesse termo à separação dos parentes. Resolveram finalmente casar. A noiva escrevera aos pais, onde se poderiam ver junto à muralha. Esperava que, pelo menos nesse dia, a polícia da zona soviética tivesse pena dela e permitisse que mãe e filha se abraçassem e trocassem algumas palavras. À hora marcada a mãe não apareceu. No seu vestido de noiva, a jovem olhava para além do arame farpado. O soldado americano emprestou-lhe o binóculo e pode ver ao longe os seus pais, cercados por «polícias populares».

Na antiga capital da Alemanha, cortada pelo arame farpado, a cisão cruel afecta até mesmo o amor. Desde 13 de Agosto, o dia em que se levantaram as barragens, os dirigentes comunistas proibiram casamentos entre habitantes do sector soviético e da parte ociden-

tal de Berlim. Nos doze registros civis de Berlim Ocidental correram muitos banhos sem que os respectivos casamentos se realizassem efectivamente. Em Julho de 1961 ainda se tinham registado 151 casamentos nos quais um dos noivos vivia no sector soviético de Berlim ou na zona soviética da Alemanha. Nos registros civis de Berlim Ocidental recebem-se agora os pedidos de prorrogação dos banhos. Resta aos noivos apenas a esperança de que um futuro melhor faça desaparecer a muralha e o arame farpado. No sector soviético de Berlim declara-se cinicamente: «Porque é que o seu noivo ou a sua noiva não vem para o nosso Estado? Trabalhem em comum para o socialismo!» Mas quem teria coragem de trabalhar para um socialismo mal interpretado e de viver num regime cujas autoridades nem sequer permitem que uma mãe abraçe a sua filha no dia do seu casamento?

O acto eleitoral

(Continuação da 1.ª página)

portugueses, levantado o orgulho Nacional, as oposições já dizem que combater impunha-se, mas é preciso uma solução estudada por todos, vários vêm mais do que um.

Assim temos lido que afirmam aqueles que ouvimos fazer as mais claras afirmações em contrário.

Nós também queremos que para a melhor solução sejam ouvidos muitos. Temos a certeza que o Governo assim faz, mas são aqueles portugueses realmente competentes, aqueles que o País conhece pela sua autoridade mental e moral. Não achamos necessário

ouvir uma fracção só porque esta se pode grita desmedidamente. Se fossemos a dividir as pessoas e valores do Regime poderíamos formar muitos grupos de valor superior. Achamos mesmo graça ao ouvir dizer que não têm salas nem jornais. Então são tantos a não lhes é possível arregimentar pelo menos um peplódico em cada Círculo ou arranjá-los um salão particular ou de qualquer organização?

A Nação está servida e defendida. Os portugueses estão esclarecidos, o acto político tem de ser a grande manifestação que Salazar merece.

Assim é que é justo e está certo.

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amores

TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º onde também se recebem assinaturas e publicidade

Leia, Assine

Publique no

«Tribuna Livre»

Visado pela censura

Tribuna Desportiva

O Sporting isolou-se à frente da classificação do campeonato de futebol da I Divisão—Na II Divisão o Boavista e o

Vitória de Setúbal são os primeiros

A quarta jornada do campeonato nacional de futebol da primeira divisão ofereceu alguns resultados curiosos: além do empate entre o Benfica e o Covilhã registado no sábado à noite, o triunfo que o Beira Mar foi buscar a Guimarães, a vitória do Porto, pela tangente, sobre o Salgueiros, e a nítida supremacia do Atlético sobre o Leixões, são apontamentos salientes.

Resultados dos desafios disputados: Benfica, 1-Covilhã, 1; CUF, 1-Sporting, 3; Lusitano, 2-Olhansense, 1; Atlético, 4-Leixões, 1; Guimarães 2-Beira Mar, 3; Porto, 1-Salgueiros, 0; Académica, 2—Belenenses, 1.

O Sporting isolou-se à frente da classificação com 7 pontos, seguido pelo Benfica, a Académica e o Atlético, todos com 6 pontos, e depois por: Lusitano, Olhansense, Belenenses, Porto, CUF, Beira Mar, Covilhã, Salgueiros, Guimarães, Leixões.

Os desafios do campeonato da segunda divisão destacaram o Boavista no comando da classificação do Grupo Norte e no Grupo Sul a liderança pertence ao Vitória de Setúbal, vindo em segundo lugar, com a mesma classificação, o Barreirense. Resultados da jornada: Zona Norte—Sanjoanense, 6-Vila Real, 1; Espinho, 5 Caldas, 0; Peniche, 5-Oliveirense, 0; Vianense, 1-Feirense, 2; Boavista, 3-Marinhense, 1; Torriense, 1-Braga, 0; Castelo Branco, 2-Cernache, 0.

Zona Sul—Lusitano, 1-Be-

ja, 3; Setúbal, 4-Montijo, 0; Alhandra, 5-Seixal, 3; Farense, 2-Oriental, 0; Sacavenense, 2 Barreirense, 3; Campomaior, 2 Olivais, 0; Portimonense, 2-Cova da Piedade, 1.

Campeonato de Futebol em Angra do Heroísmo

Resultados da oitava jornada do Campeonato Distrital de futebol de Angra de Heroísmo.

União-Unidos, 5-1; Lusitânia-Praieira, 1-1; Vilanovense-Angrense, 0-2; Marítimo-Juventude, 4-1. Comando a classificação o Angrense, com 10 pontos, seguido pelo Lusitânia, com 9, e pelo Marítimo e Praieira, ambos com 8.

Portugal na regata Internacional de «Snipes» de Madrid

Portugal ficou ontem em terceiro lugar em «snipes» no primeiro dia de provas da regata internacional que começou a disputar-se no reservatório de San Juan, a cerca de sessenta quilómetros a Oeste desta cidade.

O barco português classificado, «Néné», era tripulado por dois angolanos, O. M. Sena e A. D. Silva.

Participaram cerca de 42 barcos, num circuito de cinco milhas cerca de oito quilómetros. Embora o tempo, desfa-

TODOS NO MESMO SACO...

(Continuação da 1.ª página)

«sangrenta guerra colonial movida contra o povo de Angola» e que foi mesmo até o ponto de tranquilamente afirmar que «Exército português, dia sim, dia não, extermina patriotas angolanos». (Mas porquê «dia sim, dia não»?... Porque não todos os dias?...

Em que tarefas misteriosas se empenham os nossos soldados nos dias em que não exterminam «patriotas»?...) Logo a seguir, porém, declarou, com a mesma tranquilidade, que «as autoridades coloniais britânicas estão a assassinar os que lutam pela independência da Rodésia do Norte», «promovem maciças repressões contra os patriotas do Quênia» e «vai para seis anos que desencadearam uma guerra contra o povo de Oman».

Também é certo que V. A. Brykin, quando fala das «políticas de integração portuguesa e espanhola, sorri irónicamente, mas como sorri das «políticas de integração» francesa e holandesa. Quando, todavia, se trata dos Estados Unidos, imediatamente deixa de sorrir...

«Nos últimos meses — disse ele — os representantes dos Estados Unidos começaram a apresentar-se como inimigos do sistema colonial. Eles asseguram que desde 14 de Dezembro de 1960 o Governo norte-americano reviu a sua atitude relativamente à resolução da Assembleia Geral que garante a independência a to-

vorável, tivesse também obrigado a prova a uma toada lenta, houve alguns barcos que ainda conseguiram chegar à meta dentro do tempo mínimo estabelecido.

dos os povos e países coloniais. Os actos do Governo norte-americano não confirmam, porém, as asserções dos seus delegados».

E seguem-se alguns exemplos. O Governo de Washington não se prepara para dar a independência a Puerto Rico, nem às Samoaas orientais, nem às Ilhas Virgens; e também não parece disposto a devolver ao Panamá a chamada «zona do Canal».

No caso concreto do Puerto Rico, «noventa por cento do seu comércio externo está nas mãos dos monopólios norte-americanos»; noutros casos, «os Estados Unidos mantêm as suas colónias para as utilizar como bases militares, como baluartes da sua política imperialista»...

Evidentemente, a voz do sr. Brykin é um eco da voz do seu senhor Kruschew. Mas talvez não seja do todo mau que os Estados Unidos oiçam de tempos a tempos algumas amargas verdades. Os Estados Unidos — e outros que nas salas da ONU nos olham com desdenhosa superioridade ou nos evitam, no receio de poder vir a contagiá-los o nosso incurável «colonialismo»...

* * *

Depois de ler este discurso do sr. Brykin (proferido na Quarta Comissão e que eu gostaria de transcrever de uma ponta à outra) peguei no «New York World-Telegram». É um jornal que me agrada quase que em cem por cento do que publica. Como o delegado russo, não tem papas na língua...

Pois peguei no «New York World-Telegram» e li, num dos editoriais, que a Mongólia tem tantas condições para

ser considerada um Estado independente de facto» como a reserva dos Índios Navajos no Arizona».

Mas por que aberrante motivo é que os Navajos não hão-de vir também a ser um Estado independente, criado ao abrigo da resolução 1.514, que é aquela que a todos os povos e países coloniais garante a independência sob o patrocínio generoso das Nações Unidas?

É verdade que os Navajos ainda há cinquenta anos trucidavam os brancos seus prisioneiros. Mas não é menos verdade que também há aproximadamente cinquenta anos os somalis ainda acendiam fogueiras, ao longo da costa, de modo a iludirem os pilotos, fazendo encalhar navios, que saqueavam, depois de assassinadas as respectivas tripulações — e nem por isso deixa de ser, hoje, a Somália um respeitável Estado membro da Organização das Nações Unidas, Estado cujo voto pesa tanto, exactamente, como o da França ou como o da Inglaterra.

Ou mesmo como os Estados Unidos. E só não digo: como o da União Soviética — porque esta (única excepção à regra da igualdade) dispõe, como é sabido, não de um, mas de três votos. Três — e mais os dacoorte dos inseparáveis: agora sete, com a Mongólia Exterior Perdão, com a «República Popular Mongol»...

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

«Continuação da Vida de D. Aleixo de Menezes»

quatro peixes de feição extraordinária, em cujas escamas se viram esculpadas, de côr diferente, letras gregas e hebraicas, e em números latinos se conhecia a era assinalada de 363, na forma seguinte CCCLXIII, que foi um ano em que Portugal e Galiza e outras províncias de Espanha foram horrivelmente vexadas com guerras de Godões e naturais, e pela intemperança do ano houve grande esterilidade de frutos, de maneira que com fome pereceu muita gente destas províncias.

Cap. XVI de como na ocasião da batalha de Alcácer se viram no ar muitas vezes grandes esquadões que se combatiam em diversas partes do Reino.

Em algumas partes do Reino viram-se por vezes no ar esquadões de gente armada passando como nuvens de uma parte para outra, e, em dia que foi a batalha, se viu Entre o Douro e Minho soar esquadões no ar com bandeiras tendidas e confusão de batalha, que começou pouco antes de se pôr o Sol e durou a visão até se fechar a noite, ora desaparecendo parte da gente ora vendo-se em outra parte, como esquadões meio desbaratados e postos em fugida; e, posto que então se não soubesse mais que aquela demonstração de peleja, já se tinha visto mais vezes, ainda que não tão travada, não passou muito tempo que a experiência não mostrasse ser aquele o mesmo dia em que El-Rei foi desbaratado em Berbéria.

Em outras partes do Reino concorreram novas de prodígios e aparecimento de coisas estranhas, porque nunca sucedem mudanças de Reinos, sem anuncios de suas desventuras.

Obs.—A nota mais saliente destas narrativas é a do sobressalto que se viveu neste expirar da 2.ª dinastia, tão frágilmente garantida a

sua continuidade e arriscada pela jornada de Alcácer. Via-se em tudo o prenúncio da fatalidade, o que não contribuiu pouco para que depressa se verificasse.

Cap. XVII—Como a Vasco da Silveira perseguiu uma sombra até ao dia da Batalha, sempre chorando, e lhe falou.

Andava Vasco da Silveira, Coronel que era de um terço de Infantaria, levantando gente pela comarca da Beira, e chegando a Celorico lhe disseram que cinco noites contínuas, antes da sua chegada, se ouviram dentro do Castelo umas vozes tão tristes e lamentáveis que punham medo e tristeza a quem as ouvia. E, juntando-se alguns homens para ver o que era, entrando dentro da fortaleza as iam ouvindo em outras partes, sem nunca poderem descobrir quem se lamentava; quis ele saber se continuavam ainda e, dando ordem que o avisassem, como fizeram, querendo por si mesmo fazer experiência; e assim entrou no Castelo seguindo o som das vozes, sem ver mais que os outros que já tinham feito a experiência.

Porém, em Aquejas da Beira soube como de antes de ele chegar se ouviram as mesmas vozes; e, feita por si mesmo a experiência nas ruínas de um pequeno Castelo que ali havia em um lugar alto, não viu coisa alguma; e, sucedendo-lhe o mesmo em outros lugares aonde chegava, teve, aquele prodígio por duro prognóstico e, tornando-se para Lisboa, fez seu caminho por Almeirim, onde estando uma noite dormindo, acordou com um sonho muito pesado, parecendo-lhe que se havia metido em uma prisão escutando donde ouvia as vozes lamentáveis; e assim em acordando lhe pareceu que andavam as vozes junto da casa; e levantando-se sem acordar criado, saiu ao campo e, ouvindo a voz de mui perto, a foi seguindo contra o mato no qual viu um homem vestido de um capuz negro, de estatura mais que ordinária. E, perguntando-lhe quem era e de que se queixava, e se era o que em tantas partes o seguira com aquele agouro, e vendo que continuava com seu agouro e lhe não respondia, tornou a instar na pergunta, atalhando-lhe sempre o caminho que levava, até que o fantasma, crescendo em grandeza desmedida, lhe disse: «Choro-me a mui e choro-te a ti e choro a destruição do que sempre amei,» e com isto desapare-

(CONTINUA)